



INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MONOGRAFIA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A banalização dos discursos a respeito do lúdico na educação: algumas problematizações

Autora

Acadêmica Ana Maria Obino Mastella

Orientadora

Professora Daniele Noal Gai

Porto Alegre, Julho de 2013

[...] Como tudo que tem valor, o riso pode ser benéfico ou maléfico, divino, ou satânico. Mas sua ambiguidade não é diferente da ambiguidade radical de qualquer experiência de formação, pelo menos quando a formação não é concebida de uma forma por demais harmoniosa, por demais construtiva, por demais linear, por demais edificante. Na formação existe, às vezes, tensão, destruição, negação. Por isso, só são formativas as experiências em que se faz a prova da própria identidade. E se o riso é perigoso, talvez o que ocorra é, simplesmente, que só na prova do perigo pode estar a verdadeira salvação. [...] (LAROSSA, 2006, p.181).

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	3
UM POUCO DE CONTEXTUALIZAÇÃO, ANTES DE TUDO.....	5
SEM MAIS DELONGAS, O INÍCIO, POIS.....	5
COM ISSO, ALGUMAS HIPÓTESES.....	10
COM OS QUESTIONÁRIOS.....	10
<i>TURMA I</i>	11
<i>TURMA II</i>	12
TENTATIVAS DE RESPOSTA.....	13
<i>Uma questão de conceito:</i>	13
<i>O medo de transgredir?</i>	14
<i>Um pouco de reflexão</i>	16
ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO	21
ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	23

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à minha excelentíssima professora orientadora, Daniele, por acreditar em mim, caridosamente aceitar o convite de orientar-me, ajudar, compreender-me, entre tantas outras coisas boas que me propiciou ao longo do trabalho. Devo muita gratidão, também, à professora Russel Teresinha, por ajudar-me na procura de orientador para o trabalho, responder-me sempre prontamente, quando lhe requisitava, assim como não só aceitar ser componente de minha Banca examinadora, como também “fazer as honras da casa”, por conta da vinda do novo componente da família da “Dani”. Por falar em Banca examinadora, agradeço muitíssimo ao professor Luciano Bedin da Costa, por concordar em ser componente de minha Banca examinadora e por gentilmente disponibilizar e ceder um horário em sua turma para aplicação dos questionários feitos para. “Secundariamente”, mas não menos importante, sou muito grata aos meus excelentíssimos amigos e a minha família, os quais me forneceram suporte, apoio moral tanto nos bons, quanto nos maus momentos. Destes, agradeço especialmente a minha amiga Gabrielle Rosa Silva, com quem tive a primeira fagulha inspiradora para a criação de tal tema de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), bem como me auxiliou, amparou, enfim, por demais, ao longo de sua confecção, e à minha mãe, que me trouxe à tona referências maravilhosas, como o Neill. Não posso deixar de agradecer também à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), à COMGRAD-BIO, especialmente ao Rodrigo Fritz e à Marion Schiengold, por me possibilitarem a execução deste TCC. Não posso deixar de agradecer também aos meus colegas de curso, por terem compartilhado ideias, angústias, enfim, ao longo da minha trajetória na Licenciatura. Para finalizar, devo muita gratidão aos alunos que gentilmente aceitaram realizar os questionários utilizados neste TCC.

Sem mais delongas “agradecimentísticas”, avancemos ao TCC, *per se!*

RESUMO

Muitos são os autores que alegam a ludicidade ser uma ótima ferramenta de ensino, no sentido de facilitar a aprendizagem (CORDAZZO; VIEIRA 2007; FORTUNA 2003; CHRISTMANN 2010; NEVES 2007; BECKER 2010; KISHIMOTO 1996). Como podem ser possíveis, então, relatos de insucesso em aulas (ditas) lúdicas? Muitos são os autores que defendem a ludicidade no ensino, em cursos de licenciatura - DALLABONA; MENDES (2004); HANSEN *et al.* (2007) e COSTA (2009)- , sendo que alguns deles ressaltam a influência do lúdico e a importância do mesmo no desenvolvimento da criança. Tendo fervilhado algumas incógnitas, alguns problemas de pesquisa fundem-se e provocam pensar (mesmo que seja apenas este o movimento, pensar sobre...), especialmente sob o suporte teórico de Jorge Larrosa (2006), Sandra Corazza (2006), Neill (1977) e Tomaz Tadeu (1999): Existe uma supervalorização do lúdico nos discursos que circulam em espaços de formação de professores? Realizou-se este trabalho a partir de pesquisa bibliográfica, com revisão de referenciais teóricos que discorriam sobre a temática do estudo. Foi utilizado um diário de campo para o registro de conversas informais com colegas em formação inicial em licenciatura, bem como com professores que atuam em diversas licenciaturas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Na sequência, foram aplicados questionários com questões fechadas, de múltipla escolha, e questões abertas, dissertativas. Fez-se uso do questionário para interlocução junto a acadêmicos e professores de cursos de licenciatura da UFRGS. Os questionários foram aplicados em duas turmas que cursavam duas disciplinas de graduação diferentes - ambas de psicologia da educação, uma delas com enfoque no jogo: "Psicologia da Educação II" e "Psicologia da Educação: O Jogo I". A partir da análise dos dados coletados propõe-se um ensino acessível para o máximo de alunos, levando-se em conta suas diferenças, particularidades, etc., que compõem a heterogeneidade discente, especialmente em relação à aprendizagem em sala de aula. Ademais, acredita-se num ensino não alienante, crítico – promovendo reflexão, mudanças de pensamentos e organização de opiniões, sendo estes construtivos e inclusive lúdicos. Porém, lúdicos em seu senso mais amplo, que abrange ferramentas educacionais não-infantilizantes, mas, sim, promotoras do riso.

PALAVRAS-CHAVE: lúdico na educação; formação de professores; riso; cursos de licenciatura.

INTRODUÇÃO e JUSTIFICATIVAS BREVES

Um pouco de contextualização, antes de tudo...

Esta proposta de projeto de TCC surgiu através de observações e vivências próprias assim como indagações e conversas com alguns colegas da licenciatura quanto a fazer ou não aulas com jogos. Muitos relataram que, na maior parte das vezes, foi um verdadeiro desastre, principalmente com o Ensino Fundamental (EF), embora não tenham sido de fato eficientes com o Ensino Médio (EM). Já com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), muitas vezes estes licenciandos não se sentiam muito à vontade, constrangiam-se dependendo do jogo ou da brincadeira. Outra situação relatada foi de que mesmo os alunos “adorando” tal tipo de aula, e esta ter fluído consideravelmente bem, ao final, quando aplicado algum exercício com o intuito de avaliar as aprendizagens, constataram que os alunos lembravam muito pouco dos conceitos que estavam envolvidos no jogo ou tinham dificuldades de exprimir suas experiências no jogo. Ou seja: extasiaram-se, emocionaram-se, divertiram-se tanto, de modo a nem prestar atenção, nem levar a sério o verdadeiro intuito da aula? Qual seja: a aprendizagem e o desenvolvimento de novas habilidades. Essas observações motivaram a realização desta investigação.

Sem mais delongas, o início, pois.

“O riso destrói as certezas” (LAROSSA, 2006, p.181)

Um riso com Larrosa para iniciar desmontando minhas certezas e daqueles leitores credores do lúdico na educação. Ou algo como um suspiro para iniciar um texto final de pesquisa, e que traz as minhas problematizações que provocam risos e que me servem para finalizar um trabalho de conclusão de curso. Aqui apresento o lúdico através de referenciais clássicos da educação e busco problematizar o “espírito lúdico em educação” trazendo o humor, o riso, a leveza da invenção e a potência da criação, que não necessariamente aplicam-se com jogos e brinquedos pré-prontos e com suas regras pré-estabelecidas. Não se trata de uma crítica vã, mas de pensamentos e de uma pesquisa que, por enquanto, foi a que fez sentido para mim.

Início este texto apresentando os sentidos que circulam em educação acerca do lúdico, apresento meus objetivos com esta pesquisa e encerro com a análise dos dados levantados ao longo do estudo e por fim, incito conclusões.

Lúdico, segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 1988), refere-se a, ou que tem caráter de jogo, brinquedo e divertimento. Ao verificarmos possíveis sinônimos para o termo “lúdico”, encontramos os seguintes termos: divertir (do latim, *divertere*) e brincar (do latim,

brincot, somado à partícula “ar”). Conforme o dicionário Houaiss (2008), de antônimos e sinônimos, teremos para divertir, o seguinte: recrear, distrair, entreter, desviar, dissuadir, esquecer. E para brincar, teremos como sinônimos: divertir-se infantilmente, entreter-se em jogos de crianças, recrear-se, entreter-se, distrair-se, folgar, foliar.

Nota-se nítida correlação do “lúdico” com o ato de brincar, divertir-se, jogar. E tudo isso correlacionado com a infância; com o ser criança; com a liberdade; com o descompromisso; com as despreocupações e com as poucas incumbências dessa fase da vida.

Tais conceitos dicionarizados são bastante restritos no sentido de desconsiderarem o que se têm como lúdico e jogo no âmbito educacional, por exemplo. Fortuna (2000) relata a inexistência e certa confusão conceitual quanto a tais termos referentes ao lúdico na educação, bem como ao brincar e à brincadeira.

Kishimoto (1996) ressalta o fato de que “jogo” não se restringe a uma mera brincadeira infantil, tem, pois, um significado bem mais abrangente. O autor engloba o termo jogo, entre outros termos, como aquele que define a postura ou filiação do professor. Utilizar-se do jogo, pode ser um dos modos do professor “ser lúdico” em sala de aula.

Não costuma ser difícil convencer os educadores da importância do jogo, nem da brincadeira, no desenvolvimento humano e, sobretudo, no processo de aprendizagem dos alunos (FORTUNA, 2000). A autora destaca que os jogos e as brincadeiras são atividades presentes na vida de crianças em diversas culturas.

Dallabona e Mendes (2004) ressaltam a importância do lúdico no processo educativo, demonstrando que ao se trabalhar ludicamente não se está abandonando a seriedade e a importância dos conteúdos a serem apresentados ao aluno, pois as atividades lúdicas são indispensáveis para o seu desenvolvimento sadio, assim como para a apreensão dos conhecimentos, uma vez que possibilitam o desenvolvimento da percepção, da imaginação, da fantasia e dos sentimentos.

Dentro do sistema de ensino, as crianças em processo de escolarização na educação infantil usufruem do lúdico, justamente por serem lícitas atividades com jogos e com brincadeiras. A educação infantil é a única etapa do ensino onde o lúdico ainda é visto como apropriado, ou mesmo como inerente ou natural (BARBOSA, 1997).

A importância da brincadeira como atividade na vida das crianças, no entanto, nem sempre é reconhecida pelos adultos. Isto porque esses priorizam, na educação, aspectos cognitivos formais e apresentam certa dificuldade em visualizar a relação existente entre a brincadeira, a aprendizagem e o desenvolvimento (HANSEN, 2007).

Piaget (1944, p. 01) criticava os espaços de ensino que supervalorizavam os aspectos cognitivos formais, e que inibiam a invenção e a criatividade do estudante. O autor defendeu a “educação da liberdade”, autônoma e livre:

Não é livre o indivíduo submetido à repressão da tradição ou da tradição reinante, que se submete de antemão a qualquer decreto da

autoridade social e permanece incapaz de pensar por si próprio. Não é livre tampouco o indivíduo cuja anarquia interior impede de pensar e que dominado por sua imaginação ou fantasia subjetiva, por seus instintos e sua afetividade oscila entre todas as tendências oscilatórias de seu eu e de seu inconsciente. É livre, no entanto, o indivíduo que sabe julgar, e cujo espírito crítico, sentido da experiência e necessidade de coerência lógica se colocam ao serviço de uma razão autônoma, comum a todos os indivíduos e que não depende de nenhuma autoridade externa.

Ao lembrarmos-nos do que foi exposto nesta breve introdução do trabalho, assim como a devida leitura de diferentes referências acerca do lúdico, damos-nos conta do real problema de pesquisa: não o lúdico *per se*, mas sim, como este está sendo dito, aplicado e/ou utilizado pelos professores e pelos licenciandos em sua atuação em educação.

Muitas perguntas foram suscitadas ao longo da pesquisa, como: por que tamanha importância atribuída ao lúdico na educação? Este tem sido tomado nas práticas pedagógicas como “modismo”? Quais os espaços de formação em que os profissionais da educação deparam-se com o estudo do lúdico? A assimilação do lúdico na educação como importante e até mesmo inerente à atuação do professor deve-se a uma base de estudos em referenciais teóricos? Quais os espaços de formação inicial de professores que reivindicam o lúdico na prática pedagógica? Após a formação inicial, no momento de prática em escolas, os licenciados utilizam-se do lúdico e a partir de que justificativa? Todavia, o escopo deste trabalho permitiu apenas uma aproximação dos discursos de estudantes e professores de licenciatura acerca do tema.

Considerando o exposto, o objetivo deste trabalho foi o de pesquisar e problematizar as “falações” que reivindicam o lúdico na educação, ou a ludicização da educação, bem como os rumos de banalização do espírito lúdico a partir de conversas e questionários respondidos por professores em formação inicial. Porém, é importante esclarecer que muitas das questões apresentadas neste texto serviram para pensar e conversar durante o processo de pesquisa, e são questões alçadas aqui para fins de provocação para outros estudos.

Após estudos e leituras acerca da temática aqui mobilizada, percebe-se, a não problematização do lúdico em educação. Destaca-se a não compreensão por parte dos professores em formação inicial do que pode ser um planejamento lúdico, a execução de aulas lúdicas, a avaliação das aprendizagens dos alunos em uma aula lúdica... Nota-se a supervalorização do lúdico, creditando ao bom professor este tipo de didática. O professor lúdico é considerado como aquele competente em suas aulas e como aquele que consegue atingir todos os alunos em suas conquistas e aprendizagens. Contudo, considerando o número restrito de trabalhos que tratem da problematização do lúdico, as análises aqui apresentadas sustentam-se nas coletas de dados, nas anotações em diário de campo, na análise dos materiais arrecadados ao longo da pesquisa e em minhas hipóteses e/ou proposições.

DELINEAMENTOS METODOLÓGICOS E ALGUNS RESULTADOS

Realizou-se este trabalho através de pesquisa bibliográfica, com revisão de referenciais teóricos que discorriam sobre a temática que foi foco deste estudo. Revisaram-se, especialmente, os autores que dissertam sobre o lúdico na educação. Procurou-se produzir uma revisão conceitual, desde as abordagens clássicas às problematizações sobre este objeto de pesquisa. Artigos de revistas da área da educação ou correlatas foram analisados.

É importante destacar que neste estudo utilizou-se de diário de campo para registrar reflexões e conversas informais com colegas em formação inicial em licenciatura, bem como com professores que atuam em diversas licenciaturas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Na sequência, ou paralelamente, foram aplicados questionários com questões fechadas, de múltipla escolha, e questões abertas, dissertativas. Fez-se uso de um questionário para ser respondido por acadêmicos de licenciatura e professores de cursos de licenciatura da UFRGS.

Sendo assim, os resultados de tais questionários (ANEXO I) serão apresentados a seguir, com vistas a abrir ainda mais questionamentos e extrapolar a análise. Isto se valendo do riso, da graça, de certa ironia e de um tom pesquisador que leve em conta a brincadeira. Pretende-se explorar os resultados como indicativos, como breves impressões, como análises inventadas ao longo de uma pesquisa.

Desta forma, é importante localizar a pesquisa dizendo primeiro que se iniciou os estudos dos referenciais teóricos e delimitou um problema de pesquisa. Na sequência foi definido que seriam convidados alguns professores em formação inicial para conversa sobre o lúdico em educação. Aplicaram-se questionários no dia trinta de outubro de dois mil e doze, em duas turmas que cursavam duas disciplinas de graduação diferentes - ambas de psicologia da educação, uma delas com enfoque no jogo.

As turmas escolhidas para responder o questionário cursavam “Psicologia da Educação II” e “Psicologia da Educação: O Jogo I” e a participação dos alunos nesta pesquisa consistiu no preenchimento do questionário, de modo a responderem às perguntas nela contidas, estando sua identificação em anonimato, mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO II). No total, participaram vinte e oito acadêmicos, sendo dezesseis de uma turma que denominarei como Turma I, e doze acadêmicos da Turma II.

Quanto ao perfil dos alunos das turmas, encontrou-se o seguinte:

TURMA I - Composta por alunos de etapas mais iniciais de seus cursos (maioria com entrada em 2011 e 2010 na UFRGS, vide Figura 1a), pertencentes aos cursos (Figura 2a) de Letras (5 alunos), Física (2), matemática (3), ciências sociais (3), estatística (1), fonaudiologia

(1) e museologia (1). Nesta turma, havia 6 homens (37,5% de representatividade na composição quanto ao sexo) e 10 mulheres (62,5%). Adicionalmente, trata-se de uma cadeira do tipo Obrigatória, comumente cursada nos primeiros semestres dos cursos de licenciatura.

TURMA II - Diferentemente da turma anterior, é composta por alunos de etapas finais, estando alguns, inclusive, a se formar no semestre em que se aplicaram os questionários. Além disso, o caráter de tal cadeira a qual faziam parte era do tipo eletiva, ou obrigatória (depende do currículo/da licenciatura) pertencendo, de modo geral, a etapas finais dos cursos (Figura 1b). Além disso, a turma se caracterizava por possuir 7 homens(58,33%) e 5 mulheres(41,66%); pertencentes aos cursos (Figura 2b) de artes visuais (1), biologia(4), educação física(6) e história (1).

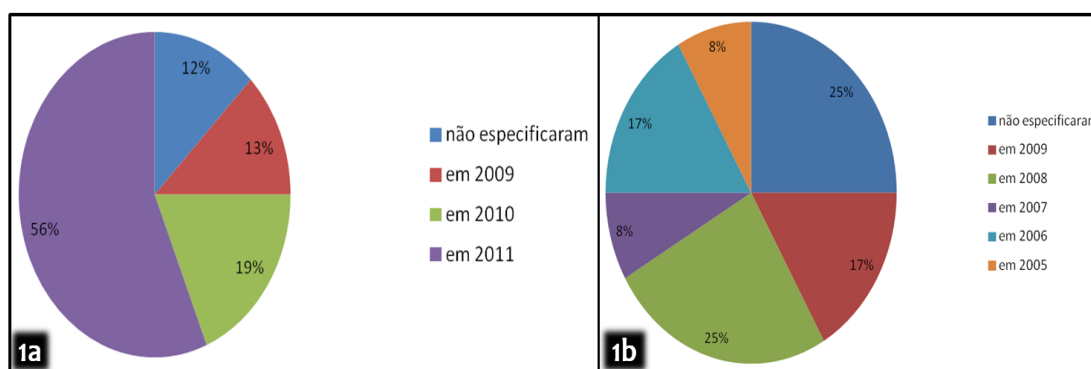


Figura 1a e 1b.: Ano de entrada na faculdade: (1a) Turma I; (1b) Turma II.

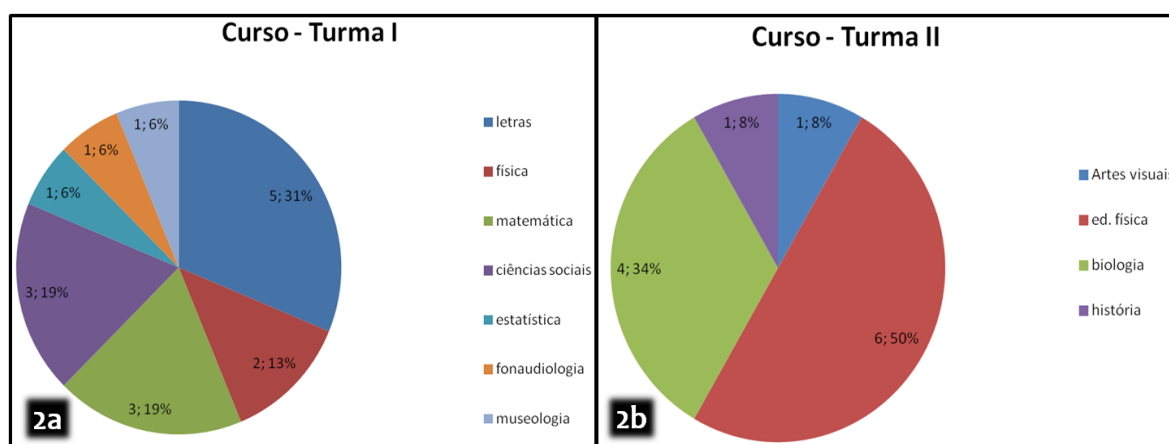


Figura 2a e 2b.: Cursos dos participantes: (2a) Turma I; (2b) Turma II.

Em relação às questões subsequentes do questionário (ANEXO I), do tipo objetivas, obteve-se o seguinte, em cada turma:

TURMA I - Questão 1 – “Sabes, ou ao menos, ouviste falar no termo ‘lúdico’?”: 75% Sim; 12,5% Já ouvi falar/Não me é estranho; 12,5% Não. Questão 3 - “Já passou por alguma experiência em lecionar, assim como elaborar aulas?”: 37,5% Sim, 62,5% Não. “De que tipo?”: 0% estágio obrigatório (licenciatura), 25% bolsa/projeto relacionado à docência, 18,75% monitoria, 6,25% leciono (sou professor). A grande maioria dos participantes não teve experiência alguma em sala de aula, nunca lecionaram e nem planejaram aulas. Os poucos com alguma experiência foram do tipo “bolsa/projeto de docência”. Questão 4 – “Para ti, aulas lúdicas são (escolha no máximo 2 opções que mais se aproximam da sua opinião):” 50% essenciais de estarem presentes num plano de ensino; 6% o modo mais atual, correto e eficiente de se dar aulas; 0% ineficientes (uma “bobagem”/perda de tempo”); 68% Um tipo de ferramenta educacional que todo educador deve ter conhecimento; 13% não responderam. A parcela maior respondeu que as aulas lúdicas são: em 1º - “um tipo de ferramenta que todo educador deve conhecer”; em 2º - “essenciais de estarem num plano de ensino”.

TURMA II – Todos sabem/ouviram falar sobre o lúdico. Praticamente todos tiveram alguma experiência docente, pois responderem sobre o uso do lúdico em: “estágio de licenciatura”; “leciona/é professor”. 75% considera que aulas lúdicas são “um tipo de ferramenta que todo educador deve conhecer” além de serem “essenciais de estarem num plano de ensino”. Questão 1 – “Sabes, ou ao menos, ouviste falar no termo ‘lúdico’?” 100% Sim; 0% Já ouvi falar / Não me é estranho; 0% Não. Questão 3 - “Já passou por alguma experiência em lecionar, assim como elaborar aulas?”: 83,33 % Sim; 16,66% Não. “De que tipo?”: 75% estágio obrigatório (licenciatura); 25% bolsa/projeto relacionado à docência; 8,33% monitoria; 41,66% leciono (sou professor). Questão 4 – “Para ti, aulas lúdicas são (escolha no máximo 2 opções que mais se aproximam da sua opinião):” 75% essenciais de estarem presentes num plano de ensino; 0% o modo mais atual, correto e eficiente de se dar aulas; 0% ineficientes (uma “bobagem”/perda de tempo”); 25% Um tipo de ferramenta educacional que todo educador deve ter conhecimento.

Com isso, algumas hipóteses...

Há indícios de que a Faculdade de Educação (FACED), que oferece disciplinas de fundamentos da educação assim como disciplinas que envolvem a didática e a prática docente, realmente consolida a ideia do lúdico na educação, bem como a importância deste, afora saber de qual modo deve-se usá-lo em sala de aula. Os cursos de licenciatura com os professores que trabalham com disciplinas voltadas para a atuação em sala de aula também parecem denotar importância ao lúdico na educação.

Com os questionários...

No entanto, considera-se importante mencionar que o item ano de ingresso na graduação foi preenchido de maneira incorreta em dois questionários da Turma I e em três

questionários da Turma II por não estar claro, levando alguns a interpretarem como ano de conclusão do curso. O resultado das análises, embora não possa ser generalizado para o universo composto pelos alunos de licenciatura da UFRGS, permite um reflexão sobre o que se diz e faz com o tema da ludicidade na educação.

“O que consideras como lúdico no ensino?”

Selecionaram-se algumas respostas, que pareciam mais significativas (dispostas entre aspas e em itálico), no sentido de estarem expressas de modo mais claro, possibilitando a reflexão. Abaixo das transcrições, indicadas com uma flecha, constam as primeiras impressões da pesquisadora acerca destes fragmentos, assumindo um tom, muitas vezes, irônico e até arrogante frente aos discursos que circulam sobre o tema. As respostas e os comentários foram separados conforme a turma e estão listadas a seguir.

TURMA I

“Aula descontraída, com auxílio de materiais diversos, não somente o quadro”.

=> Isso é didatismo!

*

“Uma aula que permita o aluno interagir”

=> Uma aula com palmatória tem interação...

*

“O lúdico é, grosso modo, uma brincadeira. Uma aula lúdica é aquela na qual para o ensino temos aquilo com que os alunos geralmente se divertem fora da sala de aula...”

=> Isso mesmo!

*

“Consistiria na utilização de materiais não necessariamente didáticos para forma de ensino, como brincadeiras, histórias, atividades corporais, etc.”

=> Acadêmico que ingressou na licenciatura em 2011.

*

“Está relacionado ao divertimento, ao que é recreativo, ao aprender brincando”

=> Exatamente!

*

“Aula lúdica é aula em que esquecemos que estamos em aula”

=> Já “domado” pelos “pedagogismos”?! “Ópio educacional”?

*

TURMA II

“Toda experiência de aprendizagem que seja prazerosa”

=> Anestesia? Anestesia pedagógica?

Pensemos no que NEILL (1977) falou em seu livro: “não pretendo denegrir o ensino. Mas o ensino deve vir depois do brinquedo. E ensino não deveria ser temperado com brinquedo, a fim de se tornar tragável”.

*

“O lúdico é o brincar, jogar determinadas realidades tornando-as e ressignificando-as como o educar para a vida”.

=> Poder-se-ia perguntar, mesmo que de forma arrogante e dura, então se educa para a vida, brincando e jogando, a fim de nem se perceber que está aprendendo, bem como não saber o porquê de se estar fazendo isso? Alienação? Novamente: anestesia pedagógica?

*

“Algo que possa favorecer o aprendizado de forma mais dinâmica, divertida, com regras, porém mais livre espontânea”

=> Novamente: queres dizer que lúdica é, necessariamente, a mesma coisa que didático?

*

“Teatro, atividades que envolvam criatividade e imaginação”

=> Todas as atividades lúdicas envolvem criatividade e imaginação? A arte é lúdica? O teatro é lúdico? Algo divertido, que lhe entretém também é lúdico, e não necessariamente didático. Ou não?

*

“Uma aula lúdica é aquela que parte da brincadeira, jogos, a fantasia para atingir o objetivo da aula”

=> O aluno deve estar dopado com o lúdico para então aprender a “chatice” que é a matéria a ser ensinada, pois aprender é “um saco”? Ops... Quer dizer que uma aula pode partir de “um faz de conta que aprendi história” ou “fantasio que sei biologia”?

POR VIAS DE DISCUSSÃO...

Muitos são os autores que alegam a ludicidade ser uma ótima ferramenta de ensino, no sentido de facilitar a aprendizagem (CORDAZZO; VIEIRA 2007; FORTUNA 2003; CHRISTMANN 2010; NEVES 2007; BECKER 2010; KISHIMOTO 1996). No entanto, é notável que a maioria deles enfatiza tal importância somente dentro do contexto da educação infantil - Cordazzo e Vieira (2007) e Neves (2007), por exemplo – sendo poucos os que comentam, e apenas brevemente, sobre a educação para as outras idades - como Fortuna (2000) – sendo bastante difícil de encontrar quem enfatize seu estudo para faixas-etárias mais avançadas (como EJA, EM e até o EF).

Como foram possíveis, então, relatos de insucesso com aulas (ditas) lúdicas? Afinal, muitos defendem a ludicidade no ensino, em cursos de formação de professores – Dallabona; Mendes (2004); Hansen *et al.* (2007) e Costa (2009). Alguns destes autores ressaltam a influência do lúdico e a importância do mesmo no desenvolvimento da criança. Outro aspecto enunciado em diferentes artigos é a carência de aulas e de ferramentas com caráter lúdico nos ambientes escolares - Hansen *et al.* (2007); Nascimento *et al.* (2012) e Fortuna (2000).

Tendo fervilhado algumas incógnitas, alguns problemas de pesquisa fundem-se e provocam pensar (mesmo que seja apenas este o movimento, pensar sobre...), especialmente sob o suporte teórico de Jorge Larrosa, Sandra Corazza, Neill e Tomaz Tadeu (1999): Quais os rumos de banalização do lúdico na educação? Existe uma supervalorização do lúdico na formação de professores? Tem-se o lúdico como critério para a avaliação da eficiência da atuação de professores? Os educadores consideram eficiente a ludicidade e estaqueiam-se para dar conta do planejamento de aulas lúdicas? Quais os espaços de formação de professores que propõem questionar os discursos de verdade que rondam a ludicidade? O lúdico foi banalizado no momento em que o instauramos e o naturalizamos em nossas práticas pedagógicas? Quando foi este momento, é possível traçar este cenário educacional?

Tentativas de resposta...

Uma questão de conceito:

Após investigação sobre o assunto (COSTA 2009; KISHIMOTO 1996; NEGRINE 1995; FORTUNA 2000), sobre as raízes do lúdico, desta “corrente”, percebe-se que o conceito de lúdico divulgado “nos corredores” e até em aulas – todos estes, em que estive presente, logicamente - está um tanto quanto limitado: restrito à ideia de que lúdico é sinônimo de brincadeira, brinquedo, brincar. Estes últimos termos, enfim, são igualmente alvos de erro de interpretação conceitual: conforme o “boca-a-boca” estão reduzidos a brinquedos concretos, prontos, sem necessidade de pensar, criar e dar asas à criatividade daqueles que o usufruírem.

Na educação, lúdico é o prazer de aprender, é a curiosidade, que leva experimentar, testar, ler, investigar, questionar, envolver-se com o próprio processo de construção de conhecimento. As brincadeiras podem estar presentes ou não, desde que associadas ao objetivo dos encontros e não como “anestésias pedagógicas”, aplicadas para tornar o conteúdo do ensino “palatável”. Lúdico é o processo pedagógico em que há a comunicação, escuta, troca de saberes, participação e em que todos aprendem: alunos e professores. Existe alegria em aprender a qual pode estar aliada à concentração e à disciplina necessárias à realização de um projeto.

O medo de transgredir?

Apesar de na pedagogia/educação dizerem que consideram o significado de lúdico de forma ampla, pouco se estuda, se elabora planos de ensino e abordagens, enfim, por exemplo, para séries, digamos, mais avançadas – isto é: séries finais do Ensino Básico; Ensino Médio; Educação de Jovens e Adultos; e Supletivo.

Idades diferentes requerem dinâmicas, estratégias distintas de ensino. Algo divertido, didático e efetivo para uma turma de crianças, pode não o ser quando aplicado a adolescentes e adultos. Afora o aspecto idade/faixa-etária, há o entrave de que as turmas, independentemente da série são heterogêneas: os alunos não aprendem do mesmo modo, possuem facilidades, dificuldades, singularidades, divergências ao aprender, por exemplo.

Tendo isso em vista e, lembrando que, ao menos conceitualmente, no campo educacional, destaca-se a não restrição conceitual do lúdico a brincar infantilmente. Porém, como e por que tão poucas sugestões, pesquisas, estudos que abordam o lúdico para faixas-etárias que não a infância? Ademais, como e, novamente, por que se restringir a uma só ferramenta de ensino – levando em conta a heterogeneidade no aprender discente?

Penso que estas questões deveriam, no mínimo, serem levadas para debate e reflexão: qual o rumo da educação? Que educação queremos? Uma educação lúdica? De que lúdico estamos falando? Quais são as aulas lúdicas de que tratamos? O que se objetiva ensinar? O que se objetiva ao educar? Aprender é importante?

Enfim, sem mais delongas: pelo que li, vi e vivenciei, nos falta, como sugere Larossa (2006, p.168-169):

[...] talvez irremediavelmente, essa aristocracia de espírito, essa finura de espírito, essa leveza que ainda tinha o pensamento quando não era monopólio dos professores, quando ainda não se havia contaminado dessa austeridade pedagógica, moralizante, solene, dogmática e um tanto caspenta que é própria do tom professoral.

Em adição, diria que nos falta, principalmente, estar claro em nossas mentes a importância do ensino, da sua “boniteza”, seu charme e – por que não – ludicidade que possui,

por si só. Isto tudo sem a necessidade de uma “fantasia lúdica”, que nada mais é que algo sério, chato, porém necessário, travestido de algo divertido.

Afinal, como conseguiremos ensinar, convencer nossos alunos se nem nós mesmos estamos convictos da importância do que ensinamos e, em especial, da beleza do que ensinamos? Penso que o maior desafio para nós docentes seria o de mostrar a importância do que ensinamos. Parece-me que, atualmente, o professor não mais é o ser onisciente sobre sua respectiva matéria, em contrapartida, passou a ser um “facilitador”, um “banalizador”, um “propagandeador” do que ensina.

Exemplificando um pouco, na área de Ciências Biológicas, tratamos do corpo-humano e dos seres vivos. Então lhes pergunto caros leitores: como não se interessar sobre aquilo que te circunda e sobre si mesmo? Creio que não exista nada mais útil e interessante do que aprender sobre e compreender aquilo que te circunda, que faz parte do teu dia-a-dia, da vida. Isto, no entanto, não se aplica apenas para tal disciplina, mas também para as outras, que bem podem ser relacionadas, de forma interdisciplinar.

Com isso, lanço outra questão: há mesmo a obrigação, a necessidade de “castrar”, “ceifar”, simplificar ao máximo aquilo a ser ensinado? Precisamos colocar um “chapéu de guizos” frente ao ensino, ao ensinar? Assim como sugere Larrosa (2006), a fim de torná-lo tragável e divertido, sem nem mesmo notarmos o que de fato está se passando? Neill (1977, p.24) em seu livro escreveu: “não pretendo denegrir o ensino. Mas o ensino deve vir depois do brinquedo. E ensino não deveria ser temperado com brinquedo, a fim de se tornar tragável”.

Pergunto: não seria a matéria e o aprender, por si só, lúdicos? A ida a campo? O laboratório? As pesquisas abrangendo a comunidade, a vida? As pesquisas em equipe? As conversas com o professor? Isto não poderia compor um arsenal lúdico? O “espírito lúdico” não paira por aí? As tais “anestesias pedagógicas” são mesmo cruciais?

Neill (1977, p.25), em 1960 (quando publicara, pela primeira vez, o livro “Liberdade sem medo” (*Summerhill*), já questionava a fórmula “aprender brincando”, como podemos perceber nos excertos:

Cadwell Cook escreveu um livro chamado O Caminho do Brinquedo, no qual, conta como ensina inglês através de brincadeiras. O livro é fascinante, cheio de coisas boas, mas, ainda assim, penso que se trata apenas de uma nova forma de acolchoar a teoria de que o ensino é de alta importância. Cook afirma que o ensino é tão importante que a pílula deve ser recoberta de açúcar. Essa noção de que a não ser que a criança aprenda alguma coisa está perdendo tempo, nada mais é do que uma maldição, uma maldição que cega milhares de professores, e grande maioria dos inspetores escolares. Há cinquenta anos a senha era “aprender brincando”. O brinquedo é, assim, usado apenas como um meio para atingir determinado fim, mas que haverá de bom nesse fim eu não sei.

Com isso, percebemos que há ao menos quase um século que se aplica a fórmula “aprender brincando”. Já não seria, então, o momento de questionarmo-nos quanto a veracidade e/ou efetividade de tal “Santo Graal” da aprendizagem?

Corazza (2006, p.15), em seu livro “Artistagens”, define, “denuncia” o “*Furor pedagogicus*”:

Furor pedagogicus. Não importa que a idéia seja nova ou mais velha, muitíssimo antiga... Não importa de onde venha se da filosofia, sociologia, antropologia, psicologia... Não importa quem a expresse. O que importa é que difira do pensamento dogmático da pedagogia. Então, nem bem é dita e escutada, há sempre uma multidão alvoroçada indagando: - *Mas, então, se isso não é como eu pensava que fosse... Como fazer? Como é que eu vou agir na sala de aula? Como é que eu vou ensinar? Como...? Como...? Como...?* – Praga, vírus, vício, cacoete pedagógico. Pergunta que não pára de perguntar. Até quando existirão aqueles que a formulam? E pior: aqueles que a respondem sem a mínima cerimônia?

Evita-se, pois, a mudança, o abandono, o questionamento de tal fórmula pedagógica por conta do medo de enfrentar o novo? Comodismo? Facilidade na execução – já que existem diversos “protocolos” de aulas lúdicas que necessitam apenas ser executadas em aula? Não estaríamos banalizando o ensino, a aprendizagem, o lúdico, bem como o papel, a função, o lugar, as proposições pedagógicas do professor em classe?

Um pouco de reflexão...

Muitos foram os questionamentos e dúvidas suscitadas acima, agora, como respondê-las? Existe alguma solução? Caso afirmativo, qual?

No momento, terei de restringir-me a sugestões e suposições apenas, levando em conta o lido para a confecção de tal trabalho de conclusão de curso, bem como o vivenciado durante todo o curso de licenciatura, afora as experiências didáticas. Isto, no entanto, não impossibilita o fato de serem, no futuro, respondidos, e nem anula a importância de tais serem levados em conta, ao invés de, simplesmente, perpetuarmos as atuais “tendências” e “modismos” educacionais.

Penso a crítica ser sempre construtiva, apesar de “dolorosa”, dado a necessidade de evoluirmos – no sentido figurativo, obviamente – educacionalmente.

Proponho, então, que, para além dos discursos, se efetive um ensino didático, acessível e compreensível pelo máximo de alunos, levando-se em conta suas diferenças, particularidades, etc., que compõem a heterogeneidade discente, especialmente em relação à aprendizagem em sala de aula.

Ademais, acredito num ensino não alienante, crítico – promovendo reflexão, mudanças de pensamentos e organização de opiniões, sendo estes construtivos e inclusive lúdicos. Porém, lúdicos em seu senso mais amplo, que abrange ferramentas educacionais não infantilizantes, entretanto, promotoras do riso. Mas qual riso? Para isso, lançamos mão do que Larossa (2006, p.169-179) diz em seu livro “Pedagogia profana”:

[...] riso que está no meio do sério, que ocupa o sério, que se compõe com o sério e que mantém com o sério estranhas relações. [...]

Não confundi-lo, pois, com esse riso que está à margem do sério, bem situado nos espaços delimitados do ócio e do entretenimento; com esse riso que se coloca no espaço trivializado e delimitado do lúdico e que é inofensivo porque não se mistura com o sério, porque se mantém sempre num lugar marginal, como uma espécie de intermediário festivo, de válvula de escape, num exterior à norma da seriedade, que não faz outra coisa senão confirmar a seriedade normativa.

Não confundi-lo, tampouco, com esse riso frívolo, um tanto cruel e algo masoquista, que se utiliza como barreira de proteção contra o sério, como mecanismo de defesa frente ao sério. Esse riso que não é senão uma estratégia de convite do eu que, para escapar da angústia, e sem poder negar o real, faz desaparecer, na zombaria, qualquer conteúdo. Esse riso que retrocede que caminha sempre para trás, e que não é senão um dispositivo para não jogar nenhum jogo, para não se jogar em nenhum jogo.

E não confundi-lo, por último, com esse riso que se opõe ao sério em nome de outra forma de seriedade. [...] Esse riso militante, crente, sempre associado a uma nova fé. Esse riso que traz a desordem apenas para instaurar uma nova ordem, [...] que costuma ser tão moralizante e tão razoável como o sério ao qual se opõe, uma vez que o faz em nome de outra seriedade. Esse riso não reflexivo que não é capaz de rir-se de si mesmo.

Deveríamos, pois, almejar o caos, a reviravolta, no âmbito de provocar a mudança, o questionamento? Para finalizar e continuar a profanação, outro excerto do livro “Pedagogia Profana” (LAROSSA, 2006, p. 182):

Às vezes, de forma demasiadamente simplista, entendemos a crítica como uma mera intermediária entre o afastamento de alguns deuses e a consagração de outros. Mas a crítica moderna, aquela que tem o riso como instrumento, tem um caráter que a faz única na história: a impossibilidade de consagrar a si mesma em qualquer uma de suas modalidades, a impossibilidade de que alguma das formas do espírito crítico converta-se em ortodoxia crítica, em dogma crítico, em catecismo crítico. Por isso, na Modernidade, o mesmo riso crítico se destrói, sem cessar, a si mesmo e tem o niilismo como resultado. A ironia crítica permanente que se toma a si mesma como objeto é, ao mesmo tempo, o alimento e o veneno de nosso mundo, a garantia de seu próprio dinamismo, de sua própria abertura. Nietzsche dizia que ante a pretensão de Deus de ser o único Deus, os deuses morrem de rir. E mais vale morrer de rir que morrer de endeusamento. No fim, todos morrem, pois até os deuses são finitos; mas, ao morrer de rir, os deuses salvam sua divindade enquanto que, ao morrer de endeusamento, Deus não pôde se salvar a si mesmo.

A crítica, penso, ser essencial em todos os campos de estudo- neste caso, o foco é a banalização dos discursos acerca do lúdico. Através de tantos questionamentos suscitados ao longo do trabalho, proponho, então, a reflexão, o debate do tema nas aulas de formação de professores, em primeira instância, ao menos. Afinal, boa parte de tais arguições ainda espera respostas, bem como dá brecha para futuros estudos e debates quanto ao assunto, ainda, por demais, árido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M. C. S. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. Revista Educação e Sociedade, 1997.

BECKER, N. R. **Utilização de jogos no ensino de Matemática**. 2010. Dissertação (Graduação) – Curso de Pedagogia, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

CHRISTMANN, M. **Lúdico e sala de aula: um relacionamento em construção**. 2010. Disponível em: < <http://www.webartigos.com/artigos/ludico-e-sala-de-aula-um-relacionamento-em-construcao/41620/>>. Acesso em: 10 de Agosto de 2012.

CORAZZA, S. M. **Artistagens: filosofia da diferença e da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CORDAZZO, S. T. D. & VIEIRA, M. L. **A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, Ano 7, N. 1, 1º Semestre de 2007.

COSTA, I. A. C. C. **O Jogo e as Brincadeiras Como Ferramentas Da Psicomotricidade**. 2009. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/educacao-artigos/o-jogo-e-as-brincadeiras-como-ferramentas-da-psicomotricidade-1009408.html>> Acesso em: 25 de Julho de 2012.

DALLABONA, S. R. & MENDES, S. M. S.. **O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar**. Revista de divulgação técnico-científica do ICPG. Vol. 1 n. 4 – jan – mar/2004.

FERREIRA, A. B. H.. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FORTUNA, T. R. & BITTENCOURT, A. D. S. **Jogo e Educação: o que pensam os educadores**. Psicopedagogia (São Paulo), São Paulo, v. 20, n.63, p. 234-242, 2003.

FORTUNA, T. R. **Sala de aula é lugar de brincar?** In: XAVIER, M. L. M. e DALLA ZEN, M. I. H. (org.) Planejamento em destaque: análises menos convencionais. Porto Alegre: Mediação, 2000. (Cadernos de Educação Básica, 6) p. 147-164.

HANSEN, J. et al.. **O brincar e suas implicações para o desenvolvimento infantil a partir da Psicologia Evolucionista.** Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, v. 17, p. 2, 2007.

HOUAISS, A.. **Dicionário Houaiss: Sinônimos e Antônimos.** 2ª Ed.. São Paulo: Publifolha, 2008.

KISHIMOTO, T. M. . **O jogo e a educação infantil.** In: Kishimoto, Tizuko Morchida. (Org.). Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação. 3º ed. São Paulo: Cortez Editora, 1996, v. único, p. 13-44.

LAROSSA, J. . **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas.** 4ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NASCIMENTO, R.M. et al.. **Lúdico como Ferramenta Pedagógica no Processo Ensino Aprendizagem.** Perspectivas Online (Campos dos Goitacazes), v. 5, p. 23-30, 2012.

NEGRINE, A. S. . **Concepção do jogo em Vygotski: uma perspectiva psicopedagógica.** Revista Movimento (Porto Alegre), Porto Alegre/ESEF/UFRGS, v. 02, p. 06-23, 1995.

NEILL, A. S. . **Liberdade sem Medo (Summerhill): radical transformação na teoria e na prática da educação.** 17ª Ed. São Paulo: IBRASA, 1977.

NEVES, L. O. R. **O Lúdico nas Interfaces das Relações Educativas** In: Cultura, Leitura e Linguagem: Discursos de Letramento. 1ª ed. Porto Velho-Rondônia : Editora da Universidade Federal de Rondônia -EDUFRO, 2007, p. 319-330.

PIAGET, Jean. **A educação da liberdade.** Conferência apresentada no 28º Congresso Suíço dos Professores. Berna, 8 de julho de 1944.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade** : uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte : Autêntica, 2009, c1999. 154p.

SILVA, T. T. da. **Liberdades reguladas:** a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998. v. 1. 216p.

TRISTÃO, M.B. . **O Lúdico na Prática Docente.** 2010. 39f. Dissertação (Graduação) – Curso de Pedagogia, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

ANEXOS

ANEXO 1 – Questionário

QUESTIONÁRIO

Este questionário é parte das atividades desenvolvidas pelo projeto de pesquisa de Conclusão de Curso de Graduação “A banalização do lúdico na educação: algumas problematizações”. Desenvolvido pela pesquisadora Ana Maria Obino Mastella, e que conta com a orientação da Professora Daniele Noal Gai. Tem-se como objetivo a pesquisa dos rumos de banalização do lúdico na educação. É muito importante que você responda este instrumento de pesquisa com veracidade. Você não será identificado e somente os pesquisadores acima relacionados terão acesso às respostas. Qualquer dúvida entre em contato pelo e-mail: nana.mastella@gmail.com.

* **Sexo:** feminino masculino

* **Curso de Graduação / Ano de graduação:** _____/_____

* **Em relação a esta instituição (UFRGS) você é:**

graduando formando professor

outro (especifique _____)

1. Você sabe o que significa, ou ao menos, ouviu falar no termo “lúdico”?

Sim Estudei o assunto Já ouvi falar Não

2. Você tem experiências como professor? Se sim, de que tipo?

Estágio obrigatório (Licenciatura) Bolsa/projeto relacionado à docência

Monitoria Já Leciono

3. Você faz uso do “lúdico” em seus planejamentos de ensino? (escolha no máximo 2 opções que mais se aproximam da sua opinião):

Sim, com frequência Muito pouco Conforme o conteúdo a ser trabalhado

Por uma opção pedagógica Por necessidade dos meus alunos

Por prescrição (dos gestores da escola, do/a orientador/a, etc.)

Por ser item a ser avaliado em minha prática de ensino e/ou em meu estágio obrigatório (Licenciatura)

Não uso Pretendo fazer uso Não pretendo fazer uso

4. O que consideras como sendo “lúdico”, especialmente no que se refere ao ensino, ao cotidiano de sala de aula? Cite um exemplo:

5. Sobre o lúdico (escolha no máximo 2 opções que mais se aproximam da sua opinião):

Essencial num plano de ensino

Modo atraente e dinâmico de planejar e ministrar aulas

Ineficiente

Modo que simplifica os conteúdos

Existem outras formas mais eficazes de planejar e ministrar aulas

Outros (cite, por favor): _____

Muito obrigada por participar desta pesquisa. Se quiser receber os resultados quando estes forem divulgados, por favor, deixe um contato: _____.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2012.

ANEXO 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto:

“A banalização do lúdico na educação: algumas problematizações”

Pesquisadores Responsáveis:

Acadêmica Ana Maria Obino Mastella

Professora Orientadora Daniele Noal Gai

Instituição:

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Telefone/e-mail para contato:

9252 9078 / nana.mastella@gmail.com

Prezado(a) , Sr^(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “**A banalização do lúdico na educação: algumas problematizações**”, sob responsabilidade dos pesquisadores: Acadêmica Ana Maria Obino Mastella e Professora Daniele Noal Gai.

1. Antes de concordar em participar desta pesquisa é muito importante que você compreenda as informações contidas neste documento.
2. Os pesquisadores deverão responder a todas as suas dúvidas antes que você decida por participar.
3. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento.

Objetivo do estudo: este projeto visa pesquisar os rumos de banalização do lúdico na educação.

Procedimentos: sua participação na pesquisa consistirá apenas no preenchimento de um questionário, respondendo às perguntas nele contidas.

Benefícios: esta pesquisa contribuirá com estudantes de licenciaturas, professores e outros profissionais da educação, auxiliando para uma reflexão quanto à temática da pesquisa.

Riscos associados: o preenchimento deste questionário não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica.

Sigilo: as informações fornecidas por você no preenchimento do questionário serão confidenciais e apenas os pesquisadores responsáveis pelo projeto terão acesso a elas. Os sujeitos não serão identificados em momento algum, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados sob qualquer forma.

Caso você esteja de acordo em participar deste estudo, de forma totalmente voluntária, assine abaixo como sinal de sua concordância:

Assinatura do(a) voluntário(a)

Porto Alegre, ____ de _____ de 2012.